

A TIRANIA DA GLOBALIZAÇÃO: O PODER DA TÉCNICA E A MORTE DA POLÍTICA

Samuel de Jesus (UFMS e NPPA – FCLAr/UNESP)
samdeje@yahoo.com.br

RESUMO: três importantes autores, Octávio Ianni, Milton Santos e Zygmunt Bauman tecem uma reflexão sobre os mecanismos de poder da globalização. Dentre eles está o controle das técnicas digitais por uma elite global. Esse controle está baseado, segundo Ianni, na construção de mitos como o da “aldeia global” ou “fábrica global”. Bauman desconstrói a ideia de “universalização” que a globalização engendraria e afirma que na verdade gerou a desordem em escala planetária, a ausência de um núcleo dirigente centralizado.

Palavras-chave: Globalização. Controle. Implicação política.

Abstract: three important authors, Octavio Ianni, Milton Santos and Zygmunt Bauman reflect on the mechanisms of power of globalisation. Among them, it is the control of digital techniques by a global elite. This control is based, according to Ianni, in the construction of myths, such as the "global village" or "global fabric". Bauman deconstructs the idea of "universality" that globalisation would produce and claims that actually it generated the disorder on a planetary scale, the absence of a centralised leader core.

Key-words: Globalisation. Control. Political implication.

1. Interdependência

Nye Jr (2009) lembra Rousseau em suas afirmativas de que a interdependência proporcionaria atritos e conflitos, assim a “solução” seria o isolamento. Ele salienta que essa concepção de Rousseau é impensável em um mundo cada vez mais globalizado e interdependente. Rousseau, em Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, afirma o que segue:

Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, por que depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos vários privilégios de que gozam alguns em prejuízo de outros, como o serem mais ricos, mais poderosos e homenageados do que estes, ou ainda por fazerem-se obedecer por eles. (ROUSSEAU, 1983, pp.235).

Para Nye Jr. (2009), o termo interdependência se refere às situações nas quais os protagonistas ou acontecimentos em diferentes partes de um sistema se afetam mutuamente. Destaca-se seu conceito de *Interdependência Complexa* que diferentemente do Realismo

considera que os Estados não são os únicos protagonistas importantes, a força não é a única alternativa e a segurança não é o objetivo principal.

Como seria o mundo se três pressupostos básicos do realismo fossem invertidos? Esses pressupostos são que os Estados são os únicos protagonistas importantes, a força militar é o instrumento dominante e a segurança é a meta dominante. Ao contrário, podemos postular uma política mundial muito diferente: 1) Os Estados não são os únicos protagonistas importantes – protagonistas transnacionais atuando através das fronteiras dos Estados são os maiores agentes; 2) a força não é o único instrumento importante – a manipulação e o uso de instituições internacionais são os instrumentos dominantes; 3) a segurança não é a meta dominante – a guerra é a meta dominante. Podemos postular esse mundo antirrealista de interdependência complexa. [...] a interdependência complexa é um experimento racional que nos permite imaginar um tipo de política mundial diferente. Tanto o realismo quanto a interdependência complexa são modelos simples ou tipo ideais. O mundo real se situa em algum ponto entre os dois (NYE JR. 2009, pp.265).

Nye Jr. se reporta a relação comercial entre China e Estados Unidos para exemplificar a interação no mundo real entre a interdependência complexa e o realismo. Muito embora a relação comercial entre China e Estados Unidos seja assimetricamente favorável à China, os EUA não são vulneráveis a um potencial embargo chinês, pois poderiam comprar em outros lugares e não necessariamente da China. Por outro lado, o potencial de ambas com relação aos seus mercados consumidores, tanto o mercado norte americano para os Chineses ou o mercado Chinês para os norte-americanos, limita uma potencial ação dos Estados Unidos contra a China e vice-versa. Mariano e Mariano (2002, p. 52) afirmam que os Estados estão sendo obrigados a aceitar a soberania exercida coletivamente quando a solução para algumas questões estiver fora de seu alcance decisório como problemas ambientais com origem fora de seu Estado Nacional.

Por trás do conceito de regime internacional está implícita a ideia dos Estados como incapazes de resolver ou administrar certas questões de forma isolada, porque a solução estaria fora de seu alcance decisório – como no caso dos problemas ambientais, com origem fora do território nacional – ou porque o Estado não pode arcar sozinho com os custos da solução. Cada vez mais, os países estão sendo obrigados a aceitar que, em certos campos, a soberania deve ser exercida coletivamente. (MARIANO & MARIANO, 2002, p. 52)

A teoria da interdependência oferece uma solução conjunta dos problemas. Isso estimula os países à cooperação, mas limitaria parcialmente a autonomia dos Estados e restringiria parcialmente a capacidade governamental de decidir questões unicamente de seu interesse, pois é preciso agir multilateralmente. Segundo Mariano e Mariano há um dilema reafirmar a

soberania estatal por meio de decisões unilaterais ou formar instituições multilaterais e a elas aderir? Nye Jr. (2009) fala da *simetria* que se refere àquelas situações de dependência relativamente equilibrada versus desequilibrada. Ser menos dependente pode ser fonte de poder, assim manipular as assimetrias da interdependência pode ser uma fonte de poder na política internacional. (p. 256-7).

Mariano & Mariano (2002) fazem suas afirmações baseados no Mercosul. Assim, é preciso esclarecer que, por exemplo, com relação à Amazônia deve-se considerar outros aspectos. Isso porque, o Mercosul surgiu a partir do momento em que a frente de conflito sul, baseada na rivalidade política entre Brasil e Argentina, perdeu o sentido. Para o Brasil, a frente de conflito passa a ser o norte, a região amazônica. A partir desse momento, os assuntos discutidos estarão relacionados com a Questão Ambiental; o narcotráfico foi eleito como uma nova ameaça ao ocidente e passou a reorientar as ações estratégicas dos militares brasileiros. Mariano & Mariano (2002) afirmam que segundo a teoria da interdependência

há distinção, entre instituição multilateral e processo de integração regional, pois embora o último seja uma instituição internacional multilateral, sua finalidade é bem diferente. Uma instituição multilateral é criada para viabilizar uma determinada finalidade – promoção da paz, controle nas relações econômicas etc. – garantindo previsibilidade nas relações entre nações para um determinado aspecto. Um processo de integração regional, no entanto, ultrapassa esse objetivo, ao pressupor alterações nos Estados participantes, e não somente a cessão de soberania, mas a possibilidade de criação de um poder supranacional. (MARIANO & MARIANO, 2002).

Após analisar os conceitos de soberania, imperialismo, hegemonia e interdependência, destaque-se a *hegemonia mundial* como a liderança e a governança sobre o conjunto de nações soberanas, sobretudo a capacidade de criar uma ordem sistêmica. (ARRIGHI, 1996). Partindo desse pressuposto, pensa-se sobre a real capacidade do Brasil em conduzir um sistema sulamericano de nações. Essa liderança conferiria ao Brasil protagonismo político em seu entorno. A análise que se faz indica que o caminho poderia ser o da interdependência, pois o Brasil não possui condições econômicas e militares para exercer a supremacia atribuída às potências.

Pensando a tentativa de construção da hegemonia brasileira na América do Sul e o questionamento sobre sua postura política, pode-se afirmar que até agora o Brasil não liderou um sistema interestatal a ponto de criar uma nova ordem e também não convenceu um conjunto amplo de Estados a adotarem o seu modelo de desenvolvimento. A adoção do *Soft Power* seria a alternativa mais viável ao Brasil, mas essa alternativa oferece algumas problemáticas, tais como a soberania compartilhada. Esse tipo de soberania encontra

resistências, basicamente dos círculos nacionalistas brasileiros, dentre eles estão os militares brasileiros que internamente tem conseguido que os governos aprovelem e implantem seus projetos, suas políticas e estratégias de defesa.

Dentre eles, destacam-se a Política de Defesa Nacional (2002) e a Estratégia Nacional de Defesa (2008) que prevê uma nova política de aquisição de material bélico e a revitalização da indústria de defesa brasileira. Isso contraria o disposto no acordo de criação do Conselho de Segurança da União das Nações Sul americanas (Unasul) que prevê o compartilhamento das decisões na área da defesa. As contradições e as ambiguidades trazem incertezas e desconfianças com relação à Política Externa Brasileira. Esse fato representa um óbice à liderança brasileira na América do Sul. Sobretudo, o termo “imperialismo brasileiro” é cada vez mais recorrente no contexto político sulamericano. Esse termo está carregado de antipatias com relação à postura brasileira.

2. A tirania da globalização: o poder da técnica e a morte da política

Segundo Ianni (1995, p. 16-7), o problema da globalização e suas implicações empíricas, metodológicas, históricas e teóricas poderão ser vistas de uma maneira inovadora e heurística, ao se aceitar a reflexão sobre algumas metáforas como a “aldeia global”, que faz referência à comunidade mundial que se realiza por meio das comunicações e que pressupõe a comercialização da informação. Outra fábula é a “fabrica global” que diz respeito ao mercado e as forças produtivas, assim como a nova divisão do trabalho desenvolvido em escala mundial. A fábula da “nave espacial” é outra que se refere ao período da globalização, mas no momento de incertezas, afinal a nave faz menção à viagem, travessia e incertezas do caminho, mas que conduzirão ao ponto de chegada "seguro". E, por último a fábula da “nova babel”, referindo-se a um espaço caótico, a mundialização observada em várias línguas e costumes, a torre de babel que alcançara o céu.

Talvez se possa dizer que as metáforas, produzidas no horizonte da globalização entram em diálogo umas com as outras, múltiplas, plurais, polifônicas. Uma desafia e enriquece a outras, conferindo novos significados a todas. (IANNI, 1995, p. 16-7)

Para Ianni a globalização possui três momentos: primeiro, é o da emergência e da instalação da globalização, instaurando um trabalho livre, assim como a mercantilização da produção e a organização do mundo sob a forma de Estados nacionais. A globalização inicialmente alimentada pelo colonialismo forneceu matérias primas e mão de obra escrava, o que possibilitou a acumulação do capital. Segundo, correspondente à industrialização e a um

processo mais efetivo de implantação do capitalismo no mundo, período marcado pelo imperialismo, ou seja, relações internacionais de independência econômica que submetem as nações a centros hegemônicos e, sobretudo, a importância cada vez maior da tecnologia e a homogeneização criada pela indústria de massa. O terceiro momento se refere aos modelos alternativos do capitalismo, à decadência do comunismo e ao enfraquecimento dos Estados Nacionais, abalando as identidades regionais e nacionalismos ou a globalização propriamente dita. (COSTA, 2005, p. 231).

Outra teoria da globalização é a da *desterritorialização* que se refere a comunicações em rede que fazem as pessoas perderem as referências com o mundo que lhes cerca, adquirindo uma artificialidade nova e desconhecida no cotidiano da cultura. Passa-se a viver um desenraizamento com novos processos de aproximação e afastamento, ou seja, sentindo-se mais distanciados de vizinhos e, por outro lado, estando-se mais irmanados a pessoas que se conhecem virtualmente; com estes, muitas vezes, desenvolvem-se relações de trocas ou dependência. (COSTA, 2005, p. 236)

Segundo Santos, a globalização é o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista e para entendê-la duas coisas são importantes: o estado das técnicas e o estado da política. Sobretudo, coisas como a unicidade da técnica, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na História que contribuem para explicar sua arquitetura (SANTOS, 2011, p. 23 e 24).

A unicidade da técnica significa que as técnicas jamais estão isoladas, operam como as famílias de técnicas, verdadeiros sistemas que transportam uma história e cada técnica representa uma época. Por exemplo, hoje são as técnicas da informação, ou seja, cibernética, informática e eletrônica, existindo, sobretudo uma hierarquia em relação ao acesso a essas técnicas.

Ao surgir uma nova família de técnicas, as outras não desaparecem [...] o novo conjunto de instrumentos passa a ser usado pelos novos atores hegemônicos, enquanto os não hegemônicos continuam utilizando conjuntos menos atuais e menos poderosos. (SANTOS, 2011, p. 25)

É a primeira vez em toda a História da Humanidade que um conjunto de técnicas envolve todo o planeta e cuja presença é instantânea. Na verdade, trata-se de um conjunto único de técnicas permitindo ações globais, esse é o princípio de *motor único*, somente possível devido à internacionalização percebida como a mundialização do produto, do dinheiro e do crédito, da dívida, do consumo e da informação. (SANTOS, 2011, p. 30).

A aldeia global tanto quanto o espaço-tempo contraído permitiriam imaginar a realização do sonho de um mundo só, já que pelas mãos do mercado global, coisas, relações, dinheiros, gostos largamente se difundem por sobre continentes, raças, religiões, como se as particularidades tecidas ao longo dos séculos houvesse sido esgarçadas. (SANTOS, 2011, p. 41).

Ou ainda:

O fato é que três praças, Nova York, Londres e Tokyo concentram mais da metade de todas as transações e ações de comércio mundial. (SANTOS, 2011, p. 41).

Santos define a globalização como perversa, pois, segundo, ele existe uma tirania da informação e do dinheiro gravitando em torno de um sistema ideológico. A violência da informação consiste na utilização das técnicas de informação por atores com objetivos particulares que são transmitidos à maioria da humanidade que ao invés de esclarecer confundem.

Consideramos, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e da informação, intimamente relacionadas. Ambas juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo ethos as relações interpessoais e sociais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala. (SANTOS, 2011, p.37).

Segundo Santos, *estamos diante de um novo “encantamento do mundo”, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim* (SANTOS, 2011, p.39).

A informação não vem da interação entre pessoas, mas do que é mostrado pela mídia de forma interessada, com objetivos definidos. Outra fábula é a ideia do espaço e do tempo contraídos graças à velocidade que está limitada a um número restrito de pessoas. Essas fábulas permitem vislumbrar a realização do sonho de um só mundo.

Para Bauman (1999, p. 8-9), a globalização é uma palavra da moda que rapidamente se transformou em um lema, uma encantação mágica capaz de trazer a felicidade. A globalização tal como se compreende atualmente tem como ponto de partida a ausência de um centro de controle ou direção, é uma desordem em escala planetária, algo muito diferente da ideia de *universalização*. Essa ideia de universalização partia do princípio da formação de uma ordem internacional, do princípio da melhoria de vida em escala global, a felicidade global, assim como a paz perpétua propalada por Kant. Para Bauman, a globalização se refere aos efeitos globais não pretendidos e não a empreendimentos globais.

Assim como os conceitos de “civilização”, “desenvolvimento”, “convergência”, “consenso” e muitos outros termos chaves do pensamento moderno inicial e clássico, a ideia de “universalização” transmitia a esperança, a intenção e a determinação de produzir a ordem; além do que os outros termos afins assinalavam, ela indicava uma ordem universal – uma produção da ordem numa escala, verdadeiramente global. (BAUMAN, 1999, p. 67).

Devido à disseminação das regras do livre mercado, assim como o livre movimento do capital e das finanças, a economia é isentada de controle político. O Estado cuidará apenas do que restou da política e o Estado, segundo os pressupostos da globalização, jamais deverá direcionar a atividade econômica. A única tarefa do Estado seria a de controlar o orçamento de forma equilibrada e controlando pressões para que tome as rédeas da economia frente ao caos de mercado.

Por sua independência de movimento e irrestrita liberdade para perseguir seus objetivos, as finanças, o comércio e a indústria de informação, globais dependem da fragmentação política - do *morcellement* (retalhamento) – do cenário mundial. Pode-se dizer que todos têm interesses adquiridos nos “Estados fracos” – isto é os estados são fracos, mas mesmo assim *continuam sendo Estados*. Esses Estados tem uma função útil ao capital mundial, deliberadamente ou subconscientemente exercem pressões coordenadas sobre os Estados membros ou independentes para deter todo o obstáculo em seus países à livre circulação de capitais, assim como restringir a liberdade de mercado (BAUMAN, 1999, p. 77).

Lembrando Cozier, e seu estudo sobre o “fenômeno burocrático”, Bauman destaca que toda a dominação consiste na busca de uma estratégia que deixaria a máxima liberdade de manobra ao dominante em impor ao mesmo tempo restrições mais estritas possíveis à liberdade de decisão do dominado. Assim, integração e divisão, globalização e territorialização são processos mutuamente complementares. Elas são duas faces do mesmo processo. Na História da humanidade é a primeira vez que este conjunto de técnicas envolve o planeta como um todo e faz sentir instantaneamente sua presença. (BAUMAN, 1999, p. 77).

Segundo Santos, a política nestes tempos é feita no mercado. Os atores são as empresas globais que não tem preocupações éticas. Sua ideologia se baseia na concepção de que para sobreviver é preciso competir, ou seja, “individualismo ou morte!” Essa lógica pressupõe a ausência do altruísmo. Ela, sobretudo, representa a morte da política, pois a política supõe uma visão do conjunto. Ela se realiza quando existe a consideração de todos e tudo, do conjunto de realidades e do conjunto de relações. Essa "política" das empresas representa a morte da Política (no seu sentido público). Ainda segundo Santos, "[n]as condições atuais, de

um modo geral, estamos assistindo a não política, isto é, à política feita pelas empresas, sobretudo as maiores." (SANTOS, 2011, p. 67-8).

Santos (2002, p.447 e 480-2), alerta sobre a ideia de uma uniformização da cultura mundial que está presente nas discussões sobre globalização e identidade. A complexidade das articulações e interações seria o problema de “ecologia das culturas” que reconhecesse as especificidades considerando as heterogeneidades internas. A globalização não é um processo uniforme, são processos heterogêneos, fragmentados, não uniformes, complexos, contraditórios e conflituosos. A globalização oferece uma ilusão de homogeneidade que pretende tornar invisíveis diferenças, desigualdades e contradições. Os processos de globalização somente podem produzir uniformidade se produzirem paralelamente diferença. A superação de fronteiras pressupõe a criação de fronteiras. Construir o outro pressupõe construir a fronteira que dele me separa. A globalização não acaba com as fronteiras, mas as deslocam em uma interação contínua entre o global e o local.

De fato, Casanova (2006) considera que a ideologia da globalização tem enfraquecido os alicerces das soberanias nacionais e a sua consequência é a sobreposição do direito do indivíduo sobre o do povo, o declínio da justiça social e a luta de classes como um conceito ultrapassado, restando apenas ao povo se inserir ou se integrar. No lugar da teoria social, haveria uma solidariedade humanitária ou empresarial.

Segundo APelfini (2007), a cidadania não é uma coisa abstrata, exercida por um sujeito autônomo e descontextualizado, muito pelo contrário, por pessoas vinculadas a direitos e obrigações que independem de sua vontade. Ser cidadão pressupõe a vida em comunidade política organizada sob um Estado. A incorporação de novos direitos e extensão da cidadania deveria ser resultado de uma cultura política civilizada e um consenso entre elites com a ampliação da participação no poder e nas decisões de setores sociais desfavorecidos. O contexto Sulamericano de Pós-liberalismo e Pós-neoliberalismo poderia favorecer, por meio de uma coalizão, a construção de uma verdadeira nação dentro de uma conjuntura moderna e capitalista, mas outro tipo de capitalismo com a ampliação da cidadania, conservação do Patrimônio Cultural, acesso a bens públicos globais, entre outros. A globalização traz ainda outras implicações na “era da indeterminação”. Estão sendo reservados aos indivíduos apenas os espaços privados que permanecem apartados do espaço público na solidão e na insegurança.

Considerações finais

A tirania da globalização tenta impor a morte da política em seu sentido público e em seu lugar impor a política em seu sentido privado que é a política da empresa. A educação, por exemplo, passa por um desmonte intelectual e a grande ameaça é a de que se torne um campo de treinamento, em que se cumpra apenas tarefas pré-estabelecidas pelas empresas, lugar onde não se valorizará coisas como o pensamento livre. Avançam as dimensões totalitárias do capitalismo planetário. Associação entre o mercado e o aparato da mídia é outra face perversa da globalização, a chamada violência da informação que nada mais é que a utilização das técnicas de informação a serviço de interesses individuais.

A mídia mundial conta essas fábulas operando no consciente coletivo, principalmente a fábula da “aldeia global” e há realmente a impressão de que todas as coisas caminham para um só mundo, mas também pode-se observar que as conexões globais favorecem a nova divisão do trabalho mundial, sendo ferramentas para a reprodução do capital em escala planetária.

O monopólio das técnicas de última geração pelos detentores do capital é outra face da tirania da globalização, afinal nem todas as informações são compartilhadas e nem todas as tecnologias existentes são disponibilizadas ao público rapidamente e quando o são se encontram no formato de um produto comercializável. A partir disso, pode-se concluir que não há democratização do acesso às tecnologias de ponta e o fator econômico é outro aspecto a ser considerado. Assim, a tirania da globalização avança assustadoramente, colocando sua espada afiada sobre as cabeças do povo, consumindo-os lentamente e com a maior calma desse mundo e a sociedade deve reagir lutando contra sua perversidade, do contrário o monstro a devorará por completo.

Referências

- ARENDDT, Hannah (1989) **As Origens do totalitarismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras.
- ARRIGHI, G (1996) **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto.
- BAUMAN, Zygmunt (1999) **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- COSTA, Cristina (2000) **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna.
- GONZÁLEZ-CASANOVA, Pablo (2006) Problema conceptuales en Ciencias Sociales y Ciencias del lenguaje. *In: GONZÁLEZ-CASANOVA, P. & ROITMAN-ROSENMAN, M. La formación de conceptos en Ciencias y Humanidades*. México: Siglo XXI Editores, p. 199-217.

HOBBS, Thomas (1974) **Leviatã**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.

IANNI, Octávio (1995) **Teorias da Globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira.

MARIANO, Marcelo Passini; MARIANO, Karina; Lilia Pasquariello (2002) As teorias de integração regional e os estados subnacionais. **Impulso - Revista de Ciências Sociais e Humanas**. Piracicaba: Editora Unimep, 13 (31).

NYE JR. Joseph S (2002) **O Paradoxo do Poder Americano**. O paradoxo do poder americano. São Paulo: UNESP.

_____ (2009) **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**: uma leitura essencial para entender as principais questões da política mundial. São Paulo: Gente.

PELFINI, Alejandro (2007) Entre el temor al populismo y el entusiasmo autonomista: la reconfiguración de la ciudadanía en America Latina. **Revista Nueva Sociedad**, 212: 23-34. Publicado em [<http://www.nuso.org/revista.php?n=212>] Disponibilidade: 05/04/2010

ROSSEAU, J. J. (1983) **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os Homens**. São Paulo: Abril Cultural.

SANTOS. Boaventura de Souza (2002) **A Globalização e as Ciências Sociais**, 2a ed. São Paulo: Cortez.

SANTOS, Milton (2000) **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record.

TOMAZI, N. D. (org) (1993) **Iniciação à sociologia**. São Paulo: Atual.